

O Capital Instantâneo

O Estado brasileiro está à beira da falência. E, prestem atenção, desta vez isto não é culpa do Lula. Os Estados, o brasileiro incluído, diminuem a sua receita ano a ano em proporção aos PIBs e não há fórmula mágica para que a receita aumente. Não adianta nacionalizar o gás, como fazem os bolivianos, ou renacionalizar a indústria da comunicação, como querem os petistas. Não adianta fazer a reforma agrária ou reclamar dos banqueiros.

O capital, hoje, é fluido, não está em lugar nenhum e está em todos os lugares. Sai da Rússia, do México, do Brasil, com a velocidade de um raio, vai para onde lhe pagam mais, foge de onde lhe ameaçam. Quem quiser que faça a "revolução" e depois se vire para produzir a sua comida. Estas bravatas revolucionárias lembram as muitas vezes que Zapata e Pancho Villa ocuparam a cidade do México e depois pularam fora porque não sabiam o que fazer. Ou os "revolucionários" que chegaram ao poder em Moscou, em Pequim, em Saigon, em Cuba, e tiveram que reproduzir todo o esforço do capitalismo, ou seja, acumular recursos e produzir equipamentos, fábrica, infra-estruturas. E aí a extorsão do trabalho foi a mais brutal que já se viu, tudo para construir aquelas fábricas poluentes, monopolistas e obsoletas do estatismo soviético. Coisas do socialismo? Não, coisas do capitalismo de estado, versão canhestra dos oligopólios e monopólios fordistas.

Mas aí, o capitalismo, com sua capacidade de inventar, de inovar graças à competição, criou coisas como o celular, os leitores óticos, o Computer Aided Design (CAD), a Computer Aided Mechanics (CAM), re-engenheirou o trigo, pôs em andamento os robôs, criou o computador pessoal (o nosso famoso PC),

arrombou as portas da bio-informática, do genoma, do proteoma, desenvolveu a nano-engenharia a limites antes impensáveis, pôs em rede milhares, centenas de milhares, milhões de computadores que se comunicam permanentemente, diariamente, quer queiramos quer não, que decifram códigos de DNAs, na calada da noite, do mosquito, do rato, do cão, do homem, do trigo, do feijão, etc...

Mas o capital escapa por entre os dedos. O automóvel, as máquinas, os computadores explodem em milhares de peças elaboradas no mundo todo, na Tailândia, em Cingapura, em Mali, no México, em São Paulo, no Hawai, na Malásia, em Báli, no Sudão, em Marrakesh, e, acreditem, até no Brasil, todas as peças monitoradas on line, no mundo todo, como são as cédulas fornecidas pelas cash machines ou mesmo as bananas que passam pelos leitores óticos dos supermercados.

Peças que acabam sendo montadas em milhares de outras cidades, cidades que diminuem os impostos para receberem as suas "maquiadoras", impostos que faltam aos Estados para pagarem por saúde, escola, e presídios. Redes que se constroem em segundos e que levantam, em todas as cidades brasileiras, criminosos e presidiários, interconectados por celulares e outros meios eletrônicos. Redes, legítimas ou criminosas, que mostram que o Estado é cada vez mais insignificante.

Ou nós aprendemos que o mundo mudou completamente nos últimos trinta anos, ou então vamos ficar falando bobagens como o Presidente da Bolívia que acredita que o Acre foi trocado por um cavalo. O mundo mudou e o Estado enfraqueceu. O capital fluido, instantâneo, é hoje quem manda no mundo.